

**EXPRESSIONES DO SEGMENTO CRISTÃO
NAS MÚSICAS E NO FALAR COTIDIANO**

Márcio Amieiro Nunes (UEMS)

marcioamieiro@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O uso dos jargões pelos evangélicos tem sido algo peculiar e inconfundível que os torna em uma comunidade “separada” até mesmo dentro do seu próprio meio em virtude das diversas vertentes e denominações existentes. Buscamos entender pelo viés da sociolinguística tal fenômeno considerando que o seu contexto social e histórico influencia nas variedades da língua e manifestações da fala, conforme afirmam José Lemos Monteiro e Louis Jean Calvet. Para isso, veremos concomitantemente como foi a trajetória dos evangélicos no Brasil, desde a chegada do protestantismo, fundação das primeiras igrejas e também como a “explosão” pentecostal ajudou a aumentar a quantidade de seus fiéis no país. Essa ascensão consta nos dados das pesquisas e amostras de institutos como Data Folha e IBGE. Com isso, podemos traçar um perfil de suas características para definir e delimitar, não somente em qual ambiente os jargões se manifestam com maior frequência, mas também como essa linguagem peculiar caracteriza seus louvores, se, comparados com louvores de outras vertentes ou denominações. Atualmente, entre o público mais jovem, percebe-se a presença de estrangeirismos nas suas músicas, conforme os dados colhidos na última Marcha para Jesus (2016) realizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Jargões. Gírias. Sociolinguística. Variedades linguísticas. Evangélicos.

1. Introdução

De acordo com José Lemos Monteiro (2008), não é nenhuma novidade afirmar que há uma relação entre a língua e a sociedade. Decerto, o homem é um ser social e a linguagem é a ferramenta usada para a sua comunicação, interação e manifestação cultural no meio em que faz parte. Neste ciclo de relação encontram-se: o sujeito, o social, e a língua (*langue*), três elementos essenciais para haver uma variação linguística que é expressa através do discurso (*parole*).

A língua pode apresentar características que são condicionadas pela forma de pensar do falante, ou seja, o ambiente externo pode afetá-la. Portanto, se algum sujeito é inserido ou se inclui em um grupo social, após adotar os valores, preferências e práticas deste determinado ambiente, a língua é afetada. Logo, manifesta os efeitos da condição em que se encontra o falante. Segundo William Labov (1968), “[...] a forma de

comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante”. (LABOV, *apud* MONTEIRO, 2008, p. 20)

A maneira de como cada um se expressa, está relacionada com sua história, experiências e os fatores que os cerca, por exemplo, a origem do sujeito pode ser percebida pelo seu sotaque. Além disso, de acordo com Yonne Leite e Dinah Callou:

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias [...]. (LEITE & CALLOU, 2002, p. 7)

Por outro lado, o dialeto, as gírias e os jargões usados ou não usados pelo falante, também podem definir ou delimitar em qual grupo (social, cultural, religioso etc.), o sujeito pertence, desse modo, as variações linguísticas estão ligadas ao seu contexto social.

Devido a essas variações, a sociolinguística tem um papel fundamental para que se entenda essas diversidades linguísticas. Num dos seus estudos, William Bright (1966) em uma conferência, afirma que “a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, *apud* CALVET, 2002, p. 29). Essas variedades são condicionadas pelo meio social e adotada pelo falante.

José Lemos Monteiro (2008) ao citar os estilos de fala, faz alusão à teoria de Chaica (1982) pois, para haver uma interação entre os interlocutores “faz-se necessário compatibilizar o estilo e a identidade social dos falantes”. E isso pode acarretar aproximação ou distanciamento dos envolvidos, principalmente àqueles que querem fazer parte dessa comunidade. José Lemos Monteiro ainda lembra que, segundo Chaica, “o estilo engloba também usos ritualizados da linguagem, como as formas de saudação (*greetings*), de tratamento (*address*), entre outras”. (MONTEIRO, 2008, p. 68)

O modo de falar do *crente* tornou-se marca peculiar desta comunidade e muitas vezes é estigmatizada na mídia, principalmente em programas humorísticos, sendo alvo de imitações constantes do seu jeito de falar que hoje em dia é algo inconfundível, não somente pelos jargões mas também pela entonação vocal. William Labov (1972) afirma que, quando essas formas de variantes linguísticas ficam marcadas pela sociedade, elas podem ser definidas como *estereótipos*, pois são “variantes que constituem patrimônio de um grupo específico e sobre as quais atu-

am atitudes ou crenças”. (MONTEIRO, 2008, p. 66)

Nos textos bíblicos em português, percebemos uma narrativa muito curiosa em que a peculiaridade do falar cristão já estava marcada na fala dos discípulos de Jesus. Por exemplo, às vésperas da crucificação de Jesus Cristo, Pedro o seguia de longe às escondidas para não ser preso, mesmo assim, ele foi reconhecido como discípulo e um dos fatores que ajudou em seu reconhecimento foi a sua fala, Mateus narra da seguinte forma: “E, daí a pouco, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente também tu és deles, pois *a tua fala te denuncia*”.¹¹³ (BÍBLIA, ARC, Mateus, 26.73, grifo nosso)

Portanto, a relação entre língua e sociedade, mostra que o comportamento linguístico também varia de acordo com as mudanças ocorridas ao longo da história, ou seja, as mudanças culturais, sociais e comportamentais, de cada geração é refletida através da linguagem, “pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta” (MONTEIRO, 2008, p. 17). Ora, a língua pode definir de que grupo social o falante faz parte e, não somente isso, ela também pode definir até mesmo a sua posição ideológica em relação às polêmicas e questões mais complexas de uma sociedade.

2. Breve visão panorâmica do protestantismo, pentecostalismo e neopentecostalismo

A Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero, tem o seu período mais importante em Wittenberg, no ano de 1517, quando ele se manifestou publicamente contra o discurso do monge João Tetzel que praticava vendas de “perdão” aos fiéis. Lutero, após o seu sermão em oposição a Tetzel, publicou suas noventa e cinco teses à entrada da igreja do Castelo, em virtude disso, ele foi declarado herege e excomungado pela igreja católica.

De acordo com Elben Magalhães Lenz César (2000), após 38 anos da reforma protestante, chegou no Brasil uma caravana ecumênica vinda da França com alguns missionários protestantes e no dia 21 de março de

¹¹³ Bruno Destefani traduziu da seguinte forma: “Pouco tempo depois, os que estavam por ali chegaram a Pedro e disseram: “Certamente você é um deles! O seu modo de falar o denuncia”. (Mateus 26.73) - Nova Versão Internacional. Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

1957 foi organizada a primeira Santa Ceia evangélica à maneira calvinista no Brasil. Na constituição de 1824 confirmou o catolicismo como a religião oficial do Império, entretanto, permitiu a realização de cultos domésticos por outras religiões com a ressalva de que não tivesse aparência exterior de templo, isto é, não poderia haver cruz, torres ou sinos, nada que se assemelhasse aos templos protestantes europeus.

O uso da cruz na parte exterior dos prédios foi expressamente proibido. Um ponto interessante a ser notado na história é que muitos evangélicos no Brasil continuam inflexivelmente opostos ao uso da cruz em seus templos, julgando ser contra os seus princípios. Na verdade, porém, a proibição tem origem nas provisões deste trabalho não tendo absolutamente nada a ver com as tradições protestantes. (CAIRNS, 1995, p. 361)

Com os movimentos missionários e migratórios surgiram as primeiras igrejas no Brasil, iniciando com os alemães, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana foi fundada em 1824. Em seguida, missionários americanos fundaram a Igreja Congregacional do Brasil (1855) e a primeira Igreja Presbiteriana (1863), mas apenas em 1903 que foi fundada a Igreja Presbiteriana Independente no Brasil. Os norte-americanos em 1882 enviaram seus primeiros missionários batistas que organizaram os trabalhos de evangelização e, em 1907 foi fundada, em Salvador, a Primeira Igreja Batista no Brasil.

No ano de 1910 foi fundada a Igreja Cristã do Brasil, considerada a primeira vertente pentecostal brasileira; porém, foi com a Assembleia de Deus, em 1911, fundada pelos batistas suecos Vingren e Berg, que o movimento pentecostal tomou sua maior proporção devido ao seu evangelismo, pois eles não pregavam somente a salvação em Jesus Cristo, mas também o batismo com o Espírito Santo que era evidenciado pelo falar em línguas. (CÉSAR, 2000)

O movimento pentecostal cresceu tão rápido que o Brasil, em 1947, tornou-se o terceiro país no mundo com maior número de evangélicos pentecostais, chegando a uma estimativa de cem mil fiéis. Em 1967, seis anos após a comemoração do jubileu de ouro da Assembleia de Deus no Maracanãzinho, o Brasil sediou no Rio de Janeiro a VIII Conferência Mundial Pentecostal contando com a presença das maiores lideranças pentecostais da época. No seu encerramento, teve 150 mil pessoas reunidas no Maracanã, segundo a reportagem publicada em agosto de 1967 na primeira capa do jornal *Mensageiro da Paz*.

Com efeito das cruzadas evangélicas e as campanhas de evangelização foram surgindo novas denominações. A Igreja do Evangelho Qua-

drangular (*International Church of The Four-Square Gospel*) iniciou no Brasil em 1951, posteriormente foram fundadas as igrejas pentecostais Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962).

O missionário canadense Walter Robert McAlister fundou a Igreja de Nova Vida (1964), dela saíram líderes das principais vertentes neopentecostais, como Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e R.R. Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Aproximadamente, no período em que surgiam essas duas denominações, também iniciava o movimento neopentecostal. Em seguida foi fundada a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986) e mais adiante, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992). Depois, surgiram diversas comunidades evangélicas e houve um crescimento alarmante, pelos bairros e periferias, de denominações independentes com características pentecostais. (ARAUJO, 2016)

3. As teorias do movimento pentecostal

Segundo Isael de Araujo (2016) existem três teorias para explicar o movimento pentecostal no Brasil: a *teoria das ondas*, a *teoria dos surtos* e a *teoria da ênfase*. Comparando a primeira (do norte-americano David Martin trazida e adaptada no Brasil por Paul Freston) e a segunda (do sociólogo Antonio Gouveia), podemos chegar a uma mesma ideia. Em suma, a primeira fase surgiu em 1910 e 1911, período que foram fundadas as principais vertentes pentecostais e caracterizou-se pelo batismo no Espírito Santo. A segunda fase iniciou nas décadas de 50 e 60 e, não foi mais caracterizada pelo batismo no Espírito Santo, mas pela cura divina e milagres.

Por fim, a terceira fase surgiu na metade da década 70 e tomou força nos anos 1980. De acordo com o sociólogo Antonio Gouveia, é o *surto* do neopentecostalismo, caracterizado pelos cultos de libertação para expulsar demônios, manifestando os traços maniqueísta, expressa nesse dualismo que consiste na luta do bem (Deus) contra o mal (Satanás) e na teologia da prosperidade.

Por outro lado, para a terceira teoria, os líderes das principais denominações adotaram os temas destacados nas teorias anteriores ao decorrer do período histórico e, em cada fase do movimento pentecostal, deram mais ênfase a esses temas deixando os outros em segundo plano. (ARAUJO, 2016)

4. Pesquisas e amostras apontam o crescimento evangélico no Brasil

Dados da última pesquisa realizada e publicada pelo *Data Folha* em dezembro de 2016, mostram que atualmente 22% dos brasileiros são evangélicos pentecostais e 7% não pentecostais, somando um total de 29% de evangélicos no Brasil. O número de católicos de acordo com a pesquisa é de 50%; os umbandistas, candomblecistas e ateístas somam 1% cada. Entre os demais entrevistados 14% declararam-se sem religião, 2% são espíritas e 2% dividem-se entre as outras religiões.

As amostras do IBGE não deixam dúvidas quanto ao acíve dos evangélicos, ameaçando cada vez mais a hegemonia católica que em 1872 era de 99,72% da população brasileira. Nessa época ainda estava surgindo as primeiras igrejas evangélicas no Brasil e, por herança da colonização, o catolicismo era a religião oficial no país. Em 1890 os evangélicos aparecem pela primeira vez no anuário estatístico do IBGE com 143.743 de fiéis (apenas 1% da população nacional). Em 1940, a quantidade de evangélico passou para 1.074.857 (equivalente a 2,61%), um crescimento expressivo de 647,76% em 50 anos. Essa arrancada do crescimento evangélico também se deve muito à Constituição de 1891, que garantiu a liberdade de culto religioso a todos os cidadãos (Artigo 73, § 3º) e ao surgimento do pentecostalismo no Brasil.

Comparando com a pesquisa do *Data Folha* no ano de 2010 que registrou um total de 24% de evangélicos (18% pentecostais e 6% não pentecostais) e 63% para os católicos (considerando a margem de erro 2 pontos percentuais), percebe-se praticamente os mesmos números do censo registrado pelo IBGE (2010) de 22,16% para os evangélicos e 64,63% para os católicos.

5. Bíblia: A origem da maioria dos jargões evangélicos

Atualmente, existem várias versões da Bíblia até mesmo com linguagens mais jovens e atualizadas para os dias de hoje. Entretanto, a versão mais usada ainda é a Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida que após converter-se ao evangelho e com grande habilidade linguística, deu início em 1645 a sua tradução protestante do Novo Testamento a partir de versões holandesa, espanhola, italiana e latina vulgata. Em 1663 passou a usar como base o *Textus Receptus* (de origem bizantina) pertencente aos “*manuscritos ocidentais*”, conforme relata o texto editado por Philip Wesley Comfort (1998).

De acordo com Luiz Antônio Giraldi (2008), a tradução do foi concluída em 1676, mesmo apresentando problemas e demora no processo de revisão foi impressa a sua primeira edição no ano de 1681. Em virtude disso, vários erros foram encontrados e teve de ser feita imediatamente uma nova revisão¹¹⁴ que levou mais de dez anos para ser concluída, assim, somente em 1693, surge a segunda edição revisada do traduzido para o português. Em 1670, João Ferreira de Almeida já se dedicava à tradução do Antigo Testamento. Contudo, com seu falecimento aos 63 anos de idade, no ano de 1691, a sua tradução ficou incompleta e, subsequentemente foi concluída pelo pastor Jacobus Akker em 1694. Entretanto, só após ter a sua tradução revista, o Antigo Testamento foi publicado em 1753 e a edição completa da Bíblia foi publicada em 1819, contendo o Antigo e o Novo Testamento.

Entre 1894 e 1898 iniciou uma nova revisão da Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, sendo patrocinada pela Sociedade Bíblica Americana e pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Nesse período surgiu uma das versões mais utilizadas e preferidas pelos evangélicos no Brasil (a principal fonte de origem dos jargões evangélicos), a *Edição Revista e Corrigida* que, em seguida, passou por uma revisão entre o período de 1945 a 1959. Com o patrocínio inicial das Sociedades Bíblicas Unidas, o trabalho foi concluído pela Sociedade Bíblica do Brasil (fundada em 1948). Essa revisão foi posteriormente denominada de *Edição Revista e Atualizada*, tendo seus textos “melhorados” a partir dos manuscritos gregos. (COMFORT, 1998)

6. Alguns jargões utilizados nas conversações cotidianas

A comunidade evangélica e, principalmente, grande parte da vertente pentecostal, caracteriza-se pelo seu falar, de acordo com Peter Burke: “O uso do jargão por um determinado grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão” (BURKE, 1997, p. 23). Os jargões utilizados pelos fiéis pentecostais em conversações cotidianas e em suas músicas, definem as características de uma linguagem peculiar utilizada por esse grupo. Algumas palavras de origem bíblica são adaptadas ao contexto atual e, em determinados casos, podem ganhar significados di-

¹¹⁴ A tradução de João Ferreira de Almeida não possuía muita preocupação com a sua harmonização, mas os textos eram traduzidos de forma mais literal e sob influência da edição de Beza. (COMFORT, 1998)

ferentes. Separamos alguns jargões para analisarmos. Vejamos:

6.1. A paz do Senhor

Essa saudação (muito usada pelos crentes mais antigos) ainda é bastante utilizada¹¹⁵, entretanto, atualmente, também ganha a variação de *A paz!* ou somente *Paz!* Essa última é usada de forma mais íntima e informal, ou seja, quando o cristão está em uma situação mais formal, por exemplo, visitando outra igreja ou denominação, a preferência é o uso da primeira forma. Essa saudação é uma variante bíblica originada no antigo¹¹⁶ testamento e, posteriormente, ratificada por uma determinação imposta por Jesus a seus discípulos quando os enviou a uma missão de propagação do reino de Deus e, com isso, anunciar a Sua vinda. Jesus preferiu a seus discípulos (dentre outras) a seguinte recomendação: “E, em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro: *Paz seja nesta casa.*” (BÍBLIA, Lucas, 10. 5, grifo nosso)

6.2. Tá na carne

A palavra “carne” não era indicada pelo termo *sarx* que na maioria das vezes possuía o mesmo conceito do termo *basar*, usado no Antigo Testamento, referindo-se a parte do corpo, corpo inteiro e a existência física do homem (DOUGLAS, 2006). Ou, conforme as epístolas paulinas, à natureza humana ainda comandada pelas paixões que aprisionam o homem ao pecado. Com isso, opõe-se à vontade e ao Espírito de Deus. O apóstolo Paulo dizia que “a *carne* cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a *carne*; e estes se opõem um ao outro; para que não façais o que quereis”. (BÍBLIA, Gálatas, 5. 17, grifo nosso)

Quando o cristão afirma que alguém é *carnal* ou *tá na carne* ele

¹¹⁵ Nas igrejas pentecostais como Assembleias de Deus e denominações independentes que adotam a mesma liturgia de culto proporcionando ao membro oportunidades para trazer uma breve mensagem, contar um testemunho ou cantar um hino, a saudação muito comum e bastante formal é: “*Eu saúdo a amada igreja com a Santa e Gloriosa Paz do Senhor!*”, seguidamente a igreja responde “*Amém!*”. Também é encontrada algumas variações dessa saudação como: “*Eu saúdo a igreja com a Paz do Senhor!*”, ou, “*Eu saúdo os irmãos com a Paz do Senhor, Amém?!*”.

¹¹⁶ O termo *shalom* é uma saudação de origem hebraica que significa *paz*. Também é um dos nomes de Deus “aplicado por Gideão ao altar que erigiu em *Ofra*, *Yahweh-Shalom*” que significa “o Senhor é paz” (DOUGLAS, 2006, p. 337).

quer dizer que essa pessoa ainda vive segundo seus próprios desejos e está sendo contrário à vontade divina, principalmente se essa pessoa for cristã. O termo *da carne* também é usado para qualificar uma profecia, por exemplo: quando algum *irmão* entrega uma profecia a outro e esse outro considera que tal profecia não foi da parte de Deus, então ele diz que essa profecia foi *da carne*.

6.3. Fechar a boca do leão

É usada quando um cristão se sente ameaçado, perseguido e injustiçado, ou está sendo acusado de algo que não seja verdade por motivo de inveja. Sendo assim, quando o crente usa esse termo, ele coloca sua fé na justiça divina a seu favor, crendo que Deus vai *fechar a boca do leão*, conforme ocorrido em uma passagem bíblica quando Daniel é jogado injustamente na cova dos leões, todavia, Deus não permitiu que ele fosse devorado. (BÍBLIA, Daniel, 6. 1-28)

Apóstolo Paulo também usa essa expressão quando estava sofrendo perseguições e resistências às suas pregações, entretanto, ele conclui dizendo que Deus o ajudou e o fortaleceu, devido a isso ele ficou “livre da boca do leão”. (BÍBLIA, 2Timóteo, 4. 17c)

6.4. Ter um livramento

A palavra *livramento* na Bíblia pode significar escape, salvação, resgate por escravidão ou remissão, por exemplo, expressa salvação quando Deus lutava a favor do seu povo, em ocasiões que normalmente os hebreus seriam facilmente derrotados por outros povos mais poderosos do que eles. Esse termo é equivalente a *ter sorte* (usado pelo não evangélico) em uma situação de risco (assalto, acidente etc.), ou seja, algo de ruim que seria certo em acontecer e, por um detalhe inesperado, não acontece, ou numa situação em que seria impossível à pessoa sair ilesa e, por um milagre, é exatamente isso que ocorre, nesses casos, o cristão não diz que *teve sorte*, mas que *teve um livramento*.

6.5. *Jacozada*

A palavra *jacozada*¹¹⁷ é um neologismo evangélico que surge através de uma derivação sufixal do nome Jacó, personagem da narrativa bíblica que por nascer agarrado ao calcanhar do seu irmão Esaú, recebe o nome de *ya'aqov* da raiz hebraica *'qb* que significa “ele agarrava” ou “suplantador” sendo uma variação de “segurar pelo calcanhar, dominar” (DOUGLAS, 2006). Segundo o *Dicionário Houaiss* (2001), a palavra “suplantador” vem do verbo “suplantar” no latim *suplantare* e significa: fazer uma pessoa perder seu lugar/privilegio e ocupar essa posição. Jacó conseguiu o direito de primogenitura¹¹⁸ ao enganar seu irmão Esaú (BÍBLIA, Gênesis, 25. 29-34) e a seu pai Isaque. (BÍBLIA, Gênesis, 27. 1-40). Devido a isso, o termo *jacozada* refere-se ao ato praticado por uma pessoa com o intuito de iludir ou enganar a alguém para levar vantagem.

7. *Os jargões nas músicas pentecostais*

De acordo com os levantamentos verificados anteriormente, podemos definir que a vertente pentecostal é a que mais utiliza os jargões evangélicos, tanto em seu falar cotidiano como nas pregações e músicas que marcam os seus cultos religiosos e são ouvidas constantemente pelos membros dessa comunidade cristã. Podemos constatar que os pentecostais são a grande maioria da totalidade de evangélicos no Brasil, entretanto, dentro da própria vertente pentecostal há aqueles grupos que são mais caracterizados pelo seu falar, com a utilização expressiva dos seus jargões, e, também há aqueles que utilizam apenas os termos mais comuns usados pela maioria dos evangélicos. Como exemplo, para demonstrar essa diferença, fizemos algumas comparações nas músicas desses dois grupos pentecostais.

Uma parte dessas músicas são conhecidas como *hinos*, *corinhos* de *fogo*, *reteté* e a outra como *louvores de adoração*. Enquanto que a primeira é mais marcada pelo uso dos jargões, a segunda é mais marcada pelo uso de uma linguagem mais suave e poética. Percebemos também entre os jovens neopentecostais e de outras denominações evangélicas

¹¹⁷ Podemos conferir o uso dessa palavra em uma pregação na Igreja Batista Gênesis. Disponível em: <<http://ibgenesis.com.br/canais/audios/nao-faca-jacozada>> Acesso em: 30-03-2017.

¹¹⁸ O filho primogênito tinha o direito ao dobro da herança e as melhores bênçãos, e também possuía o direito assumir a responsabilidade como chefe/representante da família.

que a linguagem é mais atual e renovada, até mesmo com o uso de termos “mundanos”, conforme são denominados pelos evangélicos mais tradicionais. Vejamos algumas comparações:

Música 1 (Corinho de fogo)

(...) Essa fomalha não vai te queimar
Entre no fogo no fogo com Jeová
Essa fomalha não vai te queimar
Entre no fogo no fogo com Jeová

Olha esse varão, olha esse varão
Dance com varão, dance com varão
Olha esse varão, olha esse varão
Dance com varão, dance com varão (...)

(JESUS, 2010)

A letra dessa primeira música foi baseada no Antigo Testamento numa narrativa bíblica que se encontra no livro de Daniel, no momento em que os judeus Hananias, Misael e Azarias são lançados na fomalha de fogo ardente por não cumprirem a ordem de se prostrarem diante da estátua levantada por Nabucodonosor, rei da Babilônia. (BÍBLIA, Daniel, 3. 1-23)

Entretanto, segundo a narrativa, nada acontece aos três judeus por permanecerem fieis a Deus. Além disso, é visto um quarto homem dentro da fomalha que os protege do fogo (BÍBLIA, Daniel, 3. 25). De acordo com Donald C. Stamps (1995)¹¹⁹, o quarto homem da fomalha poderia “ter sido um anjo ou uma manifestação pré-encarnada de Cristo”, sendo que a segunda hipótese é a mais aceita na vertente pentecostal.

Segundo John Davis Douglas (2006) a palavra *fogo* é representada por *'esh* no Antigo Testamento, podendo significar uma combustão que gera o fogo de forma artificial. No entanto, a palavra *fogo*, na Bíblia, pode aparecer com significados diferentes e, além de seu uso básico, também representa a manifestação de Deus, o Seu castigo contra o pecado, símbolo do Espírito Santo, elemento usado para purificação, ou aflição.

Nessa música a palavra *fogo* carrega o sentido metafórico de aflições e provações causadas pelos problemas cotidianos, assim, o cristão não precisa temer ao enfrentá-los, mas deve manter sua fé em Deus que sempre estará ao seu lado, tendo em vista que o *fogo* é necessário para

¹¹⁹ Autor das notas de estudos contidas na Bíblia de Estudo Pentecostal.

sua purificação. A palavra *varão* é muito usada na tradução de João Ferreira de Almeida, referindo-se ao sujeito adulto do sexo masculino, o mesmo ocorre para *varoa* aludindo a uma mulher que já alcançou a idade adulta. No caso da música, a partir da segunda estrofe dos versos 5 ao 8, *varão* também pode estar se referindo a um anjo do Senhor ou ao próprio Jesus Cristo.

As duas palavras expressas nessa música (*fogo* e *varão*) quando estão juntas criam uma expressão do jargão evangélico que é: *varão/varoa de fogo* ou, sua variante, *irmão/irmã tocha*, fazendo referência ao cristão que após passar pelo processo de provação e muita oração, está cheio do poder de Deus que flui através da sua vida, esses irmãos/irmãs também podem ser conhecidos como *canela de fogo* (aquele que busca muito poder de Deus por meio da oração).

A música que veremos a seguir, assim como a primeira, é baseada em um texto bíblico, mas do em uma narrativa de Mateus e posteriormente de Marcos e João, discípulos de Jesus. Vejamos:

Música 2 (Louvor de adoração)

Se o sol se pôr
E a noite chegar
Tu és quem me guia
Se a tempestade me alcançar
Tu és meu abrigo
Se o mar me submergir
A tua mão
Me traz à tona pra respirar
E me faz andar
Sobre as águas (...)

(SACER, ARCANJO & FONSECA, 2007)

Segundo o evangelho de Mateus, após a multiplicação dos pães, Jesus deu ordem aos seus discípulos para que o aguardassem no barco enquanto que ele se despedia da multidão. Depois de dispensar o povo Jesus foi orar sozinho no monte e com isso o dia se foi, esse anoitecer está expresso nos dois primeiros versos da segunda música. Conforme o texto bíblico, os discípulos aguardaram por Jesus enfrentando o mar agitado até à quarta vigília da noite¹²⁰. (BÍBLIA, Mateus, 14. 22-36).

¹²⁰ Donald C. Stamps (1995) explica que a noite se dividia em quatro vigílias de três horas cada, dando um total de 12 horas que iam das 18h até 6h da manhã. Mesmo assim, os discípulos rema-

Ainda de acordo com o texto, havia um vento contrário e as ondas os empurravam para longe, mesmo assim, eles continuavam remando contra a maré para não se afastarem muito da margem. Então, Jesus ao perceber essa dificuldade foi ao encontro deles andando sobre as águas. Nesse trajeto Cristo se identifica aos seus discípulos porque eles o confundiram com um fantasma, inesperadamente, Pedro (um dentre eles) para ter certeza que era mesmo seu Mestre foi encontrá-lo andando sobre as águas seguindo as orientações de Jesus.

Mas, Pedro ao observar as ondas em sua volta e sentindo o forte vento, começou a afundar, pois teve medo. Então, Jesus o segurou pela mão não permitindo que ele se afogasse. Essa parte pode ser percebida de forma bem sutil nos versos música (vv. 6 ao 10), entretanto, diferente da primeira música, a segunda não explora os jargões, mas uma linguagem mais poética em uma mensagem implícita, de tal forma que qualquer pessoa (mesmo sem conhecer a passagem bíblica) consiga entendê-la.

A mensagem expressa nas duas músicas são muito parecidas e enfatizam que Deus estará ao lado dos seus servos nos momentos de perseguições, tribulações e angústias. Ambas encorajam ao cristão para não fugir das suas dificuldades e encará-las com fé e sem medo, pois Deus nunca o abandonará. A primeira música faz essa apologia de forma mais direta usando o verbo no imperativo, como podemos observar nos versos da primeira estrofe (vv. 1 ao 4), enquanto que a segunda música expressa de forma indireta e subentendida, com o uso da primeira pessoa para que a mensagem fique mais íntima e pessoal, a linguagem usada também é mais suave e requintada.

Portanto, assim como o fogo não pôde queimar os judeus que entraram na fornalha, a água também não pôde afogar Pedro quando entrou no mar, pois em ambos os casos estava o Senhor para salvá-los. Esses elementos usados literalmente em cada narrativa bíblica tomam um formato metafórico nas músicas para expressar que os problemas cotidianos não vão derrotar o cristão que manter sua fé em Deus. São ideias semelhantes que usam elementos, ritmos e formas linguísticas diferentes, de acordo com Fernando Tarallo: "Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variações. (...) 'Variantes linguísticas' são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo

ram contra a maré até a quarta vigília (período entre 3h e 6h), apesar da demora de Cristo, eles não desistiram e continuaram remando contra as ondas.

contexto, e com o mesmo valor de verdade". (TARALLO, 1986, p. 8)

Alguns elementos dessa linguagem adotada pelos evangélicos pentecostais podem usar o mesmo significante, mas com significado diferente dependendo do contexto e qual ênfase quer transmitir na mensagem. O termo *fogo* na maioria das músicas de *reteté* é usado com sentido de poder e unção de Deus, por exemplo:

Música 3 (Corinho de fogo)

(...) É mistério, é tremendo, é reteté de Jeová.
Mas eu só vou sair daqui
Depois que o fogo me queimar

Vai queimando, vai queimando,
vai queimando, vai queimando, vai (...)

(MACIEL, 2011)

No caso dessa terceira música, *fogo* contrapõe totalmente a ideia da primeira música, se antes dizia “não vai te queimar” (JESUS, 2010), na terceira música o autor expressa a partir do segundo verso o desejo de ser “queimado”, isto é, o *fogo* nesse caso não é mais um elemento com sentido negativo, mas positivo como dádiva, bênçãos ou poder de Deus, logo, seria considerado *fogo santo*. Por outro lado, na quarta música, esse mesmo desejo é exposto de forma diferente com uma linguagem mais poética, observe:

Música 4 (Louvor de adoração)

(...) Faz fluir teus rios em mim
quero estar na Santo Lugar
Eis me aqui...entrego minha vida a Ti
Como oferta em Teu Altar

Em Espírito, em verdade
Vimos, ó Senhor, te adorar
Tua Glória e Majestade
Derrama hoje aqui neste lugar

(ALVES, 2001)

O autor também recorre aos elementos bíblicos para expressar os seus desejos pessoais, mas ao transmiti-los a linguagem se configura mais sofisticadamente, como se fosse uma oração íntima direcionada a Cristo usando adjetivos que exaltam as qualidades divinas com a finalidade de comover o coração de Deus. Essa é a principal característica dos *louvores de adoração*, e os que diferencia dos *corinhos de fogo/reteté*.

8. *Estrangeirismos na música gospel*

Na Marcha para Jesus realizada em Campo Grande (MS) em 2016, tendo sua concentração inicial na Praça do Rádio, o público era na sua maioria jovens e quase todas as músicas tocadas no evento traziam uma linguagem renovada e atual inclusive com o uso de estrangeirismos. O cantor que mais agitou o público gospel foi o DV PV, devido a isso, separamos uma de suas músicas para exemplificarmos, essas variações.

Vejamos:

Música 5 (Eletrônica jovem)

(...) Pode vir mais um que cabe
Alegria verdadeira *vibe* positiva
É só pra quem tem Jesus na sua vida
Então entra no clima com a mão pra cima

Por isso dance e não se canse, dance nesse amor
Sinta a *vibe* que invade nesse calor (...)

(DJ PV, 2015)

Vibe é uma palavra emprestada do inglês com o sentido na música de vibração positiva. Segundo o *Dictionary Cambridge*, *vibe* é muito usado informalmente não só como substantivo, referindo a atmosfera que envolve o ambiente ou o estado de espírito de uma pessoa; mas também como verbo (com ou sem objeto) que se refere ao sentimento que envolve um determinado lugar, uma pessoa, ou até mesmo parte de uma música. Essa inclusão do estrangeirismo traz uma nova configuração na linguagem da música gospel.

O último verso da música inicia com um verbo no imperativo e em seguida, após o artigo, vem a palavra inglesa. O verso traz a seguinte recomendação: “Sinta a *vibe* que invade esse calor” (DJ PV, 2015). Entretanto, numa música pentecostal de *reteté* é muito comum escutarmos a mesma recomendação em expressões como “receba aí ...o toque do varão” (VERAS, 2011), de outro modo, em um louvor de adoração pode ser ouvido uma mensagem parecida com as duas anteriores, mas com uma linguagem diferente, como é cantado na introdução antes de iniciar a letra oficial da música *Nuvem de Glória*: “Levante suas mãos... adore ao Senhor” (CHAGAS, 2008). Portanto, não importa de que forma seja dito, mas como a linguagem é recebida e usada por cada integrante dessa comunidade, pois quem transforma a língua mantendo-a viva e funcionando é o falante e as suas relações sociais.

9. Considerações finais

Nesta pesquisa, buscamos, mediante às análises teóricas da socio-linguística, entender as variações da linguagem e, por meio dos dados coletados, comparar a particularidade do falar cristão dentro da sua própria comunidade evangélica, não havendo nenhuma intenção depreciativa. Não foi verificado a autenticidade nas questões doutrinárias, tampouco abordamos a veracidade quanto aos seus ensinamentos teológicos, mas apenas foi avaliado e mencionado os fatores doutrinários que diferenciam cada comunidade com a única finalidade de nos auxiliar na compreensão do conteúdo linguístico pertinente à pesquisa, examinando os dados históricos por meio de suas transformações e diferenças apenas com intuito científico.

Desse modo, para entender esse fenômeno, analisamos os jargões, gírias e expressões usados nos discursos da comunidade evangélica e, em particular, dentro da vertente pentecostal. Percebe-se que, quando uma determinada pessoa se torna participante de um grupo qualquer, ela é “pressionada” (por si própria) a adotar as práticas e o falar deste meio social para se aproximar e interagir com os seus demais integrantes. Isso não é diferente ao neófito, quando se converte a uma determinada denominação. Nota-se também que dentro do próprio meio evangélico há diferenças no falar de acordo com cada denominação (Batista, Presbiteriana, igrejas pentecostais e neopentecostais) quanto ao uso dos jargões ou a até mesmo a ausência deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ivalino. Sacrifícios de louvor. In: 1ª Igreja Batista em Trindade. *Celebremos a Vitória*. Rio de Janeiro: MK Music, 2001. [CD, Faixa 8 (6min 27)].

ARAÚJO, Isael de. *História do movimento pentecostal no Brasil: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada*. Trad.: João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Trad.: João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. (Org.). *Línguas e jargões: contribuições*

para uma história social da linguagem. São Paulo: Unesp, 1997.

CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Trad.: Israel Belo de Azevedo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CALVET, Jean Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org>>. Acesso em: 30-03-2017.

CARFI, Ton. X-Man. In: _____. *Somos um*. São Paulo: Som Livre, 2015. [CD, Faixa 6 (2min 48)].

CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

CHAGAS, Jorge. Nuvem de glória. In: Ministério Vinde Adorai, *O Melhor de Deus*. Rio de Janeiro: MK Music, 2008. [CD, Faixa 3 (4min 12)].

COMFORT, Philip Wesley. (Ed.). *A origem da bíblia*. Trad.: Luis Aron de Macedo. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

DOUGLAS, John Davis. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad.: R. P. Sheed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

GIRALDI, Luiz Antonio. *História da bíblia no Brasil*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Biblioteca. *Anuário Estatístico do Brasil 2015*, vol. 75. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2015.pdf>. Acesso em: 04-01-2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ms&tema=censode_mog2010_relig>. Acesso em: 3-01-2017.

JESUS, Angelino de. No fogo com Jeová. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/banda-fogo-de-jeova/1840122>>. Acesso em:

02-04-2017.

KNIGHT, A.; ANGLIN, W. *História do cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1983.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MACIEL Junior. *Vai Queimando*. In: FONTES, Andreia. *Eu acredito em milagres*. Rio de Janeiro: MK Music, 2011. 1 CD. Faixa 7 (3min 14).

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PINHEIRO, Alex. *Há um clamor*. In: Ministério Sopro de Deus, *Um novo dia*. Rio de Janeiro: MK Música, 2011. [CD. Faixa 2 (5min 05)].

SACER, Davi; ARCANJO, Luiz; FONSECA, Ronald. *Sobre as águas*. In: Trazendo a Arca, *Marca da promessa*. Rio de Janeiro: Marca da promessa distribuições, 2007. [CD. Faixa 6 (5min 47)].

STECCA, PV; HENRIQUE, Artur; ROCK, Lex Skates. *Dance e não se canse*. In: DJ PV, *Som da liberdade 2.0*. Goiás: Sony Music Entertainment, 2015. 1 CD. Faixa 4 (3min 07).

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: 6ª edição, Ática, 1999.

VERAS, Valeria. *Nuvem de Glória*. In: _____. *A escolha de Deus*. Lisboa: GeV Produções, 2011. 1 CD. Faixa 12 (4min 51).